

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral
Propriedade da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA

www.comunhaolisboa.com

ANO 34

2016

Nº 206

JANEIRO-FEVEREIRO

Não aderimos ao novo acordo ortográfico

Proriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
	Editorial	2
Calçada do Tojal, 95, s/c	Palavras de Kardec	4
1500-592 Lisboa	Guardai-vos dos Cães	5
Telefone : 217 647 441	Morrer	7
	Mediunidade e Mistificação	8
*	De noite	14
Director Responsável :	Atlântida	17
Manuela Vasconcelos	Pai Nosso	23
	Nocturno	26
*	Bens Externos	27
Tiragem : 150 exemplares		
Distribuição Gratuita		

*
Registo nº.211720
Depósito Legal Nº. 13972

*

EDITORIAL

No começo de um novo ano há sempre a preocupação, mais ou menos firme, em todos nós, de nos desejarmos sempre “um bom ano!”, sem pensarmos a maioria das vezes que aquele que se inicia é apenas a continuação do anterior, com os mesmos erros e predisposição que vivemos ultimamente se não nos quisermos esforçar, um pouco mais, por o tornarmos melhor. Costumamos comparar, até, essa entrada que sempre se faz, como um novo volume de um livro que estamos a ler há muito tempo sem lhe conseguirmos atingir o fim – que só virá com o desencarne.

Então, em vez de nos desejarmos “um bom ano!, porque não predispor-mos a melhorarmos-nos, fazendo uma análise profunda ao que somos HOJE para descobrirmos aquilo em que mais fracos estamos, e, então, iniciarmos esse “bom ano!” com o propósito firme de começarmos, NO IMEDIATO, a tomarmos providências contra tudo aquilo que deveremos eliminar em nós enquanto, por outro lado, vamos tentando afincadamente criar ou melhorar o que já reconhecemos que existe de bom?

É norma de todos nós – e já Jesus no Seu tempo nos alertou para o *argueiro no olho do vizinho enquanto não vemos a trave no nosso* – é norma de todos nós olharmos para o que se passa ao nosso lado, prontos sempre a criticarmos malevolamente o que cada um faz de menos bom; por que não, passarmos mais tempo àquele espelho que mais ninguém vê, para além de nós próprios, e,

em vez de olharmos a nossa maior ou menor beleza, as rugas, os cabelos brancos que vão aparecendo e tentamos disfarçar, olharmos os nossos pensamentos (que podemos vê-los, se quisermos!), e as nossas acções menos belas? Com essas, sim!, é que deveríamos preocuparmos, porque são nossas e nós é que somos responsáveis por elas!

E, talvez a rematar essa observação, na ideia de melhor nos ajudarmos, escrevermos umas quantas tiras de papel, com duas únicas palavras – REFORMA ÍNTIMA – e espalhá-las pelas diversas divisões das nossas casas, colocando-as ou colando-as com um pouco de fita cola em locais onde os nossos olhos, por sistema, sempre param? Pode ser uma ideia... e com o passar dos dias, - e este ano temos um dia mais que podemos aproveitar para a concretização deste projecto -, semanas, meses, irmo-nos esforçando afincadamente para atingirmos a meta que nos propusemos no início de 2016? Pensamos que, se quisermos – e mais ou menos todos conseguimos realizar o que queremos! – chegaremos ao final do ano com uma grande vitória alcançada. Sabem qual? A da luta que nos combatemos, para minorar em nós o que ainda está errado... e considerando que somos TODOS espíritos imperfeitos, não vale a pena que um e outro tenham a veleidade de não terem nada a emendar... e o que conseguirmos fazer no ano ora iniciado já nos deixa um espaço maior para a continuação nos anos que se sigam! É só querermos!

Então, na concretização deste propósito, nós desejamos a todos um FELIZ ANO NOVO!

A DIRECÇÃO

PALAVRAS DE KARDEC

CARACTERES DA REVELAÇÃO ESPÍRITA

(Continuação)

60. – Os Espíritos não vieram livrar o homem, do trabalho, do estudo e das pesquisas; não lhe trazem nenhuma ciência integralmente formulada; deixam-no entregue a seus próprios esforços, naquilo que ele pode encontrar por si mesmo; tal é o que hoje os Espíritos sabem perfeitamente. Já de há muito tempo, a experiência tem demonstrado o erro da opinião que atribuía aos Espíritos todo o saber e toda a sabedoria, e que bastaria dirigir-se ao primeiro Espírito comunicante para conhecer todas as coisas. Saídos da humanidade, os Espíritos são uma de suas faces; tal como sobre a Terra, há entre eles superiores e vulgares; muitos deles, pois, científica e filosoficamente, sabem menos que certos homens; eles dizem o que sabem, nem menos nem mais; tal como entre os homens, os mais adiantados podem-nos ensinar acerca de maior número de assuntos, podem dar-nos conselhos mais judiciosos que os atrasados.

Pedir conselhos aos Espíritos não é dirigir-se a potências sobrenaturais, mas sim a seus iguais, àquelas mesmas pessoas a quem nos teríamos dirigido em vida; a seus pais, a seus amigos, ou a indivíduos mais esclarecidos que nós. Eis, pois, o que é importante de persuadir-se, sendo este um ponto ignorado por aqueles que, não havendo estudado o Espiritismo,

fazem para si mesmos uma ideia completamente falsa sobre a natureza do mundo dos Espíritos e das relações de além-túmulo.

ALLAN KARDEC

(Continua no próximo número)

(In: A GÊNESE, ed. Lake, cap. I)

*

GUARDAI-VOS DOS CÃES

“Levantar-se-ão muitos falsos profetas que seduzirão a muitas pessoas. – JESUS . (Mt., 24:4)

“(…) Guardai-vos dos falsos profetas que vêm ter convosco cobertos de peles de ovelha e que por dentro são lobos rapaces.

- Conhece-los-eis pelos seus frutos. Podem colher-se uvas nos espinheiros ou figos nas sarças? – Assim, toda a árvore boa produz bons frutos e toda a árvore má produz maus frutos. – Uma árvore boa não pode produzir frutos maus e uma árvore má não pode produzir frutos bons. – Toda a árvore que não produz bons frutos será cortada e lançada ao fogo. – Conhecê-la-eis, pois, pelos seus frutos.” – (Mt., 7: 15 a 20).

Este alerta de Jesus é de uma actualidade indiscutível, tendo em vista a proliferação em todas as sociedades terrestres dos ‘ecónomos’ infiéis que outra coisa não visam senão os próprios e inconfessáveis interesses argentários e de poder.

Lembra-nos Emmanuel¹, o nobre mentor de Chico Xavier que “(...) somos imensa caravana de seres, na estrada evolutiva, a movimentar-se, sob o olhar do Divino Pastor, que demanda de esferas mais altas.

Em verdade, se prosseguimos caminho afora, magnetizados pelo devotamento do Condutor Divino, inegavelmente somos também assediados pelos cães da ignorância, da perversidade, da má-fé...

Referindo-se a cães, Paulo de Tarso não mentalizava o animal amigo, símbolo de ternura e fidelidade, após a domesticação. Reportava-se aos cães selvagens, impulsivos, ferozes, e no rebanho humano encontraremos sempre criaturas que os personificam. São os adversários sistemáticos do bem: atalham reputações dignas; estimam a maledicência; exercitam a crueldade; sentem prazer com a imposição tirânica que lhes é própria; desfazem a conceituação elevada e santificante da vida; desarticulam o serviço dos corações bem intencionados; atiram-se desvairadamente, à substância das obras construtivas, procurando consumi-las ou pervertê-las; vomitam impropérios e calúnias; gritam, levianos, que o mal permanece vitorioso, que a sombra venceu, que a miséria consolidou o seu domínio na Terra, perturbando a paz dos servos operosos e fiéis... E quando o micróbio do ódio ou da cólera lhes excita a desesperação, ai daqueles que se aproximam, generosos e confiantes!

É para esse género de irmãos que Paulo solicita de nós outros a conjugação do verbo guardar. Para eles, pobres prisioneiros da incompreensão e da ignorância, resta somente o processo educativo, no qual podemos cooperar com amor, competindo-nos reconhecer, contudo, que esse recurso de domesticação procede originariamente de Deus

Portanto, não foi sem ponderáveis motivos que o nobre Vidente de Damasco, ao escrever aos filipenses, os alertou: “*Guardai-vos dos cães*”!

1 – XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte Viva*, 10. Ed. FEB, Rio (de Janeiro), 1982, cap. 145.

ROGÉRIO COELHO
(Mauriaé – M. Gerais – Brasil)

*

MORRER...

*Não tenhas medo: morrer
Não custa nada. É viver.
Custa menos que se pensa.
O principal é ter crença.
Morre o corpo; a alma abre a asa...
E vai... É mudar de casa.*

ANTÓNIO NOBRE
(Porto, 1867-1900)

MEDIUNIDADE

e

MISTIFICAÇÃO

O médium não desenvolvido ou cujo desenvolvimento se realiza com irregularidade, é como um naufrago ao sabor das vagas, sem defesa contra as tempestades, sem abrigo ante o vento rijo e frio, sem protecção sob o sol causticante. Numa palavra, o médium que não busca amparo na Doutrina Espírita permanece cercado de perigos, mostrando-se, qual infelizmente em luta com o mar revolto, mais perto do soçobro do que da sobrevivência.

O estudo das obras de Allan Kardec, notadamente de *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns* e *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, feito com atenção, método e discernimento, dá grande força ao médium, esclarece-o, permitindo-lhe conduzir-se com segurança, evitando ou transpondo obstáculos. Tal não sucede ao médium indiferente aos estudos doutrinários e também aos exercícios práticos de desenvolvimento, sob controle idóneo. Caminha de olhos vendados, sem noção dos perigos que o cercam e crescem sem cessar. Seu coração pode estar tranquilo, por ignorar os perigos que corre. A falta de conhecimento do perigo dá, também, ilusória aparência de segurança. Justamente por se achar desprevenido e não ter meios eficientes de defesa, pode o médium sujeitar-se a surpresas desconcertantes e de consequências muito sérias. A mediunidade é uma força que precisa ser educada, disciplinada, dirigida para o sentido do bem. Livre, sem a influência da Doutrina Espírita, é uma força perigosa, sem direcção determinada, que tanto pode ser prejudicial ao médium como a outras pessoas, em virtude da acção que Espíritos sem luz costumam exercer, abusando da inexperiência ou da incapacidade

moral daquele que a possui e não a submete às normas estabelecidas nas obras de Kardec.

(...) sobre a mediunidade, insistimos sobre a conveniência e a imprescindibilidade do estudo, pois o médium precisa aprender que “o Espírito encarnado se acha sob a influência da matéria; o homem que vence esta influência pela elevação e depuração de sua alma aproxima-se dos bons Espíritos, em cuja companhia um dia estará. Aquele que se deixa dominar pelas más paixões e põe todas as suas alegrias na satisfação de apetites grosseiros, aproxima-se dos Espíritos impuros, dando preponderância à sua natureza animal”.¹ Muitas vezes acontece que o médium é apressado, quer, por vaidade ou incompreensão, trabalhar até sozinho, como já o fazem outros, já experimentados, e, portanto, perfeitamente capacitados para o bom exercício da mediunidade. O resultado é que vemos médiuns que não desempenham satisfatoriamente sua função. A melhor maneira de se tornar médium seguro e útil está em ter uma preparação sólida, guiada por instrutores de idoneidade comprovada, em estudar com paciência a Doutrina Espírita, buscando os esclarecimentos de que necessitar com pessoas realmente aptas a fornecê-los. “Anos são precisos para formar-se um médico medíocre e três quartas partes da vida para chegar-se a ser sábio. Como pretender-se em algumas horas adquirir a ciência do infinito? Ninguém, pois, se iluda: o estudo do Espiritismo é imenso; interessa a todas as questões da metafísica e da ordem social; é um mundo que se abre diante de nós. Será de admirar que o efectuá-lo demande tempo, muito tempo mesmo?”²

Tão útil advertência deve ser sempre lembrada aos médiuns e todos quantos se iniciam no Espiritismo, porque a mediunidade é uma porta aberta entre o Mundo Invisível e o Mundo Visível, entre o Mundo dos Espíritos e o Mundo da Matéria, entre o Mundo dos Imponderáveis e o Mundo Físico. A Doutrina Espírita confere ao

estudioso os meios de exercer a necessária vigilância, a fim de ser vigiada e controlada a passagem por essa porta, pois “as relações dos Espíritos com os homens são constantes. Os bons Espíritos nos atraem para o bem, nos sustentam nas provas da vida e nos ajudam a suportá-las com coragem e resignação. Os maus nos impelem para o mal; é-lhes um gozo ver-nos sucumbir e assemelhar-nos a eles. As comunicações dos Espíritos com os homens são ocultas ou ostensivas. As ocultas verificam-se pela influência boa ou má que exercem sobre nós, à nossa revelia. Cabe ao nosso juízo discernir as boas das más inspirações. As comunicações ostensivas dão-se por meio da escrita, da palavra ou de outras manifestações materiais, quase sempre pelos médiuns que lhes servem de instrumentos. Precisamos notar que os médiuns são sempre assediados pelos Espíritos sofredores, zombeteiros, indiferentes e de pouca evolução moral. Os Espíritos evoluídos conduzem-se de maneira distinta. Geralmente procuram o médium que demonstra com eles maior afinidade. Não raro, à medida que essa afinidade se vai apurando, preferem comunicar-se exclusivamente com um médium. Não procedem como os demais, que buscam qualquer médium e se aproveitam justamente dos médiuns novos, ainda inexperientes, e daqueles cuja formação moral pode propiciar-lhes acolhida. Quando o médium carece de conhecimentos ou não possui apego a elevados princípios éticos, pode tornar-se, sem o perceber, vítima de Espíritos levianos, mistificadores, que muitas vezes tomam nomes venerados, a fim de melhor induzirem em erro.”³

Impõe-se a maior cautela na aceitação de mensagem do Além. A idoneidade moral do médium, o seu passado e o seu presente no trabalho espírita, as credenciais que atestam sua insuspeitabilidade e o controle exercido sobre suas manifestações mediúnicas, tudo isso tem de ser considerado. Têm-se dado casos de mistificação, de automatismo, de animismo, que só a

percuciência dos espíritas bem familiarizados com esses assuntos, pode identificar. Às vezes, o médium é ludibriado por um Espírito mistificador, como neste caso mencionado por Allan Kardec, no qual um Espírito (Latour) denuncia a tarefa dos desencarnados que gostam de embair os encarnados: “Fui convocado quase imediatamente depois da minha morte, porém não pude manifestar-me logo, de modo que muitos Espíritos levianos tomaram-me o nome e a vez.”⁴

Importante é considerar a necessidade da vigilância por parte do próprio médium, cuja educação moral pode constituir obstáculo ou facilidade para a acção de Espíritos inferiores, invariavelmente inclinados a burlas e embustes, com os quais se divertem. “A verdade é o que menos os preocupa; daí o maligno encanto que acham em mistificar os que têm a fraqueza e mesmo a presunção de neles crer sob palavra.” Em *Obras Póstumas*, também de Kardec, há este conselho oportuno: “Antes de procurar dominar os maus Espíritos, é preciso dominar-se a si mesmo.” Eis por que a educação do homem, do médium principalmente, tem de ser permanente. Não pode ser honesto, se não é sincero, se não procura seguir uma conduta rectilínea. Os Espíritos inferiores aproveitam todas as brechas na moralidade do indivíduo para exercerem sua influência negativa. “Por isso é que os Espíritos verdadeiramente superiores nos recomendam de contínuo que submetamos todas as comunicações ao crivo da razão e da mais rigorosa lógica. No tocante a comunicações *sérias*, cumpre se distingam as *verdadeiras* das *falsas*, o que nem sempre é fácil, porquanto exactamente à sombra da elevação da linguagem é que certos Espíritos presunçosos, ou pseudo-sábios, procuram conseguir prevalência das mais falsas ideias e dos mais absurdos sistemas. E, para melhor acreditados se fazerem e maior importância ostentarem, não escrupulizam de se adornarem com os mais respeitosos nomes e até com os mais venerados.

*

“Deve-se igualmente desconfiar dos Espíritos que com muita facilidade se apresentam, dando nomes extremamente venerados, e não lhes aceitar o que digam senão com muita reserva. Aí, sobretudo, é que uma verificação severa se faz indispensável, porquanto isso não passa muitas vezes de uma máscara que eles tomam, para dar a crer que se acham em relações íntimas com Espíritos excelsos. Por esse meio, lisonjeiam a vaidade do médium e dela se aproveitam frequentemente para induzi-lo a atitudes lamentáveis e ridículas.”⁵

(...) Gabriel Delanne, tratando de “automatismo e mediunidade”, pondera: “Em todas as variedades de automatismo gráfico estudado até ao presente, sempre é o autor das mensagens o Espírito do próprio ‘sujet’, ainda quando sua faculdade só seja posta em acção sob a influência de uma acção exterior, oral ou mental.

“(...) No automatismo puro é a alma do ‘sujet’ que está *activa*, a que age espontaneamente, como o fazemos todos continuamente, sendo a memória e o modo de exteriorização das ideias o que difere; pelo contrário, no automatismo que reproduz apenas ideias sugeridas, o Espírito do ‘sujet’ é *passivo*, é um verdadeiro intermediário, um médium encarregado de traduzir pela escrita ideias estranhas, das quais é apenas o receptor.”⁶ Do mesmo modo se manifesta Gustav Geley: “(...) pode afirmar-se que a fraude inconsciente não é fraude. É fruto do automatismo, que constitui a fase primária e a própria condição da mediunidade”, acrescentando: “A primeira fase da mediunidade é constituída por automatismo activo (psicológico e muscular)”.⁷ Importa reconhecer estas coisas. “Dois casos geralmente ocorrem: o primeiro é quando o médium procurado tem fracas qualidades ou

animismo, caso este muito frequente, e, então, o próprio médium responde às perguntas que lhe são feitas, dá suas opiniões e conselhos, como se fosse A ou B. O facto de o médium, mentindo ou em transe anímico, dar suas opiniões sob a capa de nomes respeitáveis, é muitíssimo comum.”⁸

Com estes exemplos queremos frisar que nem sempre a mistificação se opera com a responsabilidade do médium, isto é, com a sua consciente anuência. Aí estão os casos de animismo e automatismo como complemento desse quadro, digno da meditação desses abnegados trabalhadores da Mediunidade. Para que o médium possa superar todos esses óbices, precisa estudar, familiarizar-se com a Doutrina Espírita, com *O Evangelho segundo o Espiritismo*, com a prece, defendendo-se e defendendo seu ‘instrumento’ de trabalho, a fim de poder ser realmente útil aos Espíritos esclarecidos e honestos. Ainda em *Obras Póstumas*, do codificador, encontramos esta magnífica lição: “É preciso notar que muitas vezes se atribuem aos Espíritos malefícios de que são inocentes, certos estados mórbidos e certas aberrações, que se atribuem a causas ocultas, as quais são devidas ao Espírito do próprio indivíduo.” E frisa: “Pode-se muitas vezes ser-se obsessão de si mesmo.” (...)

O estudo permanente da Doutrina Espírita e sua legítima interpretação, dada por Allan Kardec nas obras editadas pela Federação Espírita Brasileira, constitui a segurança do médium, porque é a luz capaz de iluminar o caminho, afugentando as trevas do desconhecimento.

1 – Allan Kardec – O Livro dos Espíritos (Introdução ao estudo da Doutrina Espírita);

2 e 3 – Idem, idem, idem;

- 4 – Allan Kardec – O Céu e o Inferno – 2ª parte – criminosos arrependidos (Jacques Latour);
5 – Allan Kardec – O Livro dos Médiuns – 2ª parte – cap. 24 ‘Identidade dos Espíritos’, item 14;
6 – Gabriel Delanne – Investigações sobre a mediunidade, cap. IV ‘Automatismo e mediunidade’;
7 – Gustav Geley – Resumo da Doutrina Espírita (Introdução ao estudo da mediunidade e reencarnação);
8 – General Dr. Roberto Lisboa – Primeiros passos em metapsíquica. Psicografia.
Fonte: REFORMADOR, ano 75, nº 1, p.11(7)-13(9), Janº. 1957.
Transcrição parcial.

INDALÍCIO MENDES

(In: Revista Espírita brasileira REFORMADOR, da FEB, Julho de 2015).

*

DE NOITE...

E assim, neste vaivém,
Se vai murchando a flor
Da minha juventude;
Fugindo-me a saúde
Do corpo, e, o que é pior,
Do coração também.
Ai! Que infernal tormento
Trazer a gente a ideia
Nesta enredada teia

Chamada pensamento!
Vamos gastando a vida
Neste continuo estudo,
Nesta continua lida,
Interrogando tudo
O que vedado é.
E, se eu pergunto à alma
Onde a luz se esconde,
A alma não responde:
Responde a Luz da Fé.

Responde, sim!... Não são
Já tantos os desenganos,
Que até o seu clarão
Me vai faltando às vezes?!...
Que isto da gente pôr
Unicamente a esperança
Num mundo que é melhor,
Num bem que não se alcança,
É duro, porque, enfim,
Já fartos de sofrer
Caímos de cansaço,
Se um anjo não vier
Tomar-nos pelo braço.

Vamos murchando as flores
Das nossas primaveras,
A fantasiar amores,
A fantasiar quimeras.
Depois, passam-se os dias,
E vão passando os anos;
E vêm os desenganos
Sem vir as alegrias,

Feliz e venturoso
Quem põe o seu cuidado
Em passageiro gozo.
Feliz!... Talvez! Nem sei.
Parece que isto é fado,
Parece que isto é lei,
Que tudo neste mundo
Lá tenha a sua mágoa
P'ra ter a que aspirar:
A flor aspira a água,
A água aspira o mar,
O mar aspira o céu!

O mar é como eu.

Se a vista, incerta e vaga,
Estendo à imensidade,
Tão íntima saudade
O coração me alaga,
Tão íntima, que penso
Se acaso algum dia
Minha alma habitaria
Lá nesse espaço imenso.

Talvez, talvez que eu ande
Agora desterrado,
Da pátria verdadeira,
Da pátria em que nasci.
Talvez!... Doutra maneira
Não posso perceber
O que é esta saudade,
O que é este desejo
Dum mundo que é melhor,

Duma pátria que não vi.

Pois chora alguém, acaso,
Um bem que não perdeu?
Então, chorando eu,
É certo que o perdi,
É certo, muito embora
Eu não me lembre já
Dum mundo que de cá
Contemplo a toda a hora.

GUERRA JUNQUEIRO

(Freixo de Espada à Cinta, 1850 – Lisboa, 1923)

(In Revista Espírita Luz e Caridade, de Braga, Outubro de 1917).

*

ATLÂNTIDA

Notícia publicada sobre este misterioso continente (que uns crêem ser mito e outros realidade) na revista ‘O Espírita’, de Novembro/Dezembro de 1931, da Federação Espírita Portuguesa:

A Atlântida – (Da Light, de 7 de Agosto) – As mudanças extraordinárias observadas nas profundezas do oceano – de que os jornais têm dado notícia – conjugadas com as comunicações supranormais recebidas do Além, levam-nos a acreditar que o desaparecido continente da Atlântida está emergindo à superfície

da Terra e que está destinado a ser a pátria duma outra raça muitíssimo mais adiantada do que a pobre humanidade de hoje.

Outras profecias semelhantes a esta continuamos a ouvir. As circunstâncias parecem favorecer as predições e dão-lhes um certo ar de plausibilidade. É, porém, inteiramente impossível dizer qual ou quais das profecias são verdadeiras enquanto não tiverem realização, e, mesmo depois de realizadas, há-de haver sempre incrédulos que atribuam os factos a simples coincidência.

Apesar dos acontecimentos se sucederem rapidamente no nosso tempo e de pasmosas mudanças se produzirem no decurso de poucos anos, não podemos ter esperança de, nesta vida, vermos essa formosa Atlântida resplandecer à luz do dia com os seus fabulosos tesouros. Mas se assistíssemos ao reaparecimento, então poderíamos proclamar a veracidade da profecia, não obstante opiniões autorizadas continuarem a afirmar que a Atlântida nunca existiu, como a Lemúria, o suposto continente que ligava a Índia à América do Sul.

Estudos muito posteriores, quando ‘descobrimos’ a Doutrina dos Espíritos, esclareceram-nos que o continente Lemuriano existiu e ao imergir, deixou emersas as ilhas da Austrália e de Madagascar. Entretanto, recordamos que já Platão, filósofo grego, no seu tempo, referiu por diversas vezes a existência daquele continente...

E porque tudo o que é misterioso desperta sempre a curiosidade dos pesquisadores, o articulista espírita brasileiro, NILSON PUGLIESE escreveu, sobre o mesmo tema, um artigo que a revista portuguesa, hoje desaparecida, Estudos Psíquicos, de Lisboa, publicou em Fevereiro de 1980, e hoje recordamos:

CIENTISTAS SOVIÉTICOS LOCALIZAM A ATLÂNTIDA

A existência da Atlântida, o sexto continente do planeta, como muitos outros factos reais, até o momento, vinha sendo contestada e não admitida pela maior parte do meio científico mundial, pois havia uma carência de documentos comprobatórios mais esclarecedores. Por isso mesmo, permaneceu capitulada na história no sector lendário ou hipotético, e, para muitos, significava nada mais do que um sonho fantástico de uma civilização de esplendor, cujos habitantes seriam dotados de poderes psíquicos supranormais.

No entanto, a ciência, aos poucos, longe de desmentir, vai-se aproximando e aceitando – através das mais modernas técnicas de investigação – as revelações já feitas a esse respeito pelo mundo espiritual.

Emmanuel, uma das entidades que compõem a plêiade dos Espíritos de Verdade, que procura auxiliar e esclarecer a humanidade, em **A Caminho da Luz**, uma obra datada de 1938 e psicografada por Francisco Cândido Xavier, em várias passagens já chamava a atenção do leitor com referência à existência da Atlântida, afirmando que suas terras chegavam a ligar-se às da América do Norte.

Anos mais tarde, em 1953, Edgard Armond, através do fenómeno psíquico da inspiração, escrevia a obra **Os Exilados de Capela**, na qual, além da inspiração, para sua pesquisa se apoiou em diversas fontes de consulta credenciadas, e acabou por afirmar a existência deste extenso continente, julgado perdido, que se estendia de sul a norte, sobre a região hoje ocupada pelo Oceano Atlântico.

E finalmente, através do jornal ‘O Estado de S. Paulo’, do dia 28 de Março do ano fimdo, noticiou-se que uma equipa constituída por eminentes cientistas soviéticos, descobriu que a Atlântida existiu mesmo há milhares de anos, e foi o centro de uma brilhante civilização, onde seu povo deve ter estabelecido um poderoso império, pois encontraram ruínas submersas de monumentos de rara imponência.

DE QUE MODO SE REALIZOU A IMPRESSIONANTE DESCOBERTA?

Entre a tripulação do navio oceanográfico soviético **Vitiaz**, de 5.500 toneladas, constava uma equipa composta por 50 cientistas, todos participantes da expedição, que objectivava pesquisar as profundezas do Oceano Atlântico. Encontravam-se a meio caminho de Lisboa e do Arquipélago da Madeira, quando neste local os cientistas, utilizando-se de uma sofisticada aparelhagem, conseguiram detectar vestígios da antiga civilização dos atlantes, obtendo inclusive, uma série impressionante de fotografias, que mostram nitidamente as ruínas submersas daquilo que teria sido uma das suas cidades.

A equipa oceanográfica do **Vitiaz** possui uma longa experiência em pesquisas submarinas, pois há mais de 30 anos este navio cruza, principalmente, os oceanos Pacífico, Índico e Atlântico, totalizando mais de um milhão de milhas marítimas percorridas. Em 1958 fez a descoberta da fossa abissal das Ilhas Marianas, numa profundidade de 11.022 metros – a maior conhecida até agora – e comprovou, inclusive, a existência de vida em regiões bastante profundas, como na fossa das Curilhas.

O professor **Andrei Arkafrevitch Aksenov**, vice-reitor do ‘Instituto de Oceanografia da Academia de Ciências da União

Soviética’, e chefe da equipa do navio, declarou que **“em oito fotografias submarinas descobrimos evidentes vestígios de muralhas e grandes escadarias, no todo de uma elevação oceânica, a grande profundidade. Tudo se encontra coberto de vegetação submarina e praticamente destruído, mas a análise não deixa dúvidas sobre a existência de várias e diferentes construções de pedra, perfeitamente visíveis.”**

O professor Aksenov acrescentou que as evidências são enormes, porém, continuará, com a sua equipa, a efectuar investigações mais amplas e detalhadas, visando colher maiores dados no próprio local da descoberta, pois desejam concluir concreta e cientificamente sobre a existência e o tipo de civilização desenvolvida pelos atlantes. Contudo, o cientista lembrou que **“a Atlântida não fica longe de Portugal e o próprio terramoto que em 1755 destruiu Lisboa é um dado a considerar.”**

J. Marakuiev, um dos especialistas em observação oceanográfica do Vitiaz, foi quem obteve as fotos que **“estabelecem, como ponto de partida, a existência de construções em pedra no cume de elevações submarinas, que se encontravam na superfície, em outras épocas geológicas.”** Por outro lado, referindo-se aos movimentos nas profundezas dos oceanos que influíram na formação da crosta terrestre, Marakuiev revelou que os **“oceanólogos soviéticos e de outros países há muito consideram a existência da Atlântida como uma possível verdade. Um antigo continente, hoje submerso, é cientificamente explicável pela agitada actividade tectónica das profundezas do oceano.”**

Como é sabido, os cientistas actualmente calculam que a formação da Terra se tenha iniciado entre 4.500.000.000 de anos

ou 5 bilhões de anos. Como é óbvio, o aspecto da esfera terrestre modificou-se acentuadamente no decorrer dos milhões de anos, desde a sua formação até ao momento, e continua a transformar-se. Assim, o planeta gastou milhões de anos para o seu arrefecimento, para a formação da atmosfera, para a consolidação da superfície, para o surgimento das águas, sofreu intensa actividade vulcânica, terremotos, elevações de cordilheiras, afundamentos de parcelas de terra, etc.... Isto tudo pode ser comprovado através do estudo das eras geológicas, que explicam a evolução física do planeta. Portanto, no meio de toda essa comoção, primitivos continentes se formaram e pressionados pelas forças abaixo da crosta, soçobraram, dando lugar a outros agrupamentos de terra que, por sua vez, formaram outros continentes.

Segundo Aksenov, as fotografias foram tiradas numa área ampla, localizada entre Lisboa e as ilhas da Madeira, um pouco além das 200 milhas do mar territorial de Portugal. Ele revelou ainda que **“muito breve essas fotografias serão liberadas para a imprensa mundial, marcando um acontecimento histórico.”**

O professor Aksenov alertou para a importância das pesquisas a respeito da Atlântida, pois **“elas podem explicar muitas questões ainda por esclarecer, não só em geologia mas, principalmente, em antropologia, como as espantosas semelhanças entre alguns traços fundamentais das culturas dos povos da Europa, África e América.”**

Neste ponto, na obra de E. Armond, há concordância com as afirmativas de Aksenov, de que há semelhanças entre os povos do Velho e do Novo Mundo, pois, segundo o escritor, após o afundamento da Atlântida, parte dos sobreviventes refugiou-se na América, formando os povos aztecas, maias, incas e peles

vermelhas, em geral; parte alcançou as costas norte-africanas, trazendo progresso aos povos ali existentes, principalmente aos egípcios; e parte atingiu as costas do continente Hiperbóreo (situado nas regiões árticas, ao norte da Europa). Esses hiperbóreos acabaram, mais tarde, invadindo o centro do planalto europeu.

Aksenov acredita que **“o descobrimento da Atlântida desloca as fronteiras da história da humanidade em alguns milhares de anos, para as profundidades do tempo.”** Este cientista reafirmou sua convicção de que a Atlântida seria um continente autónomo, ou uma parcela de terra desprendida da Europa e da África, e teria submergido junto com sua civilização, devido aos movimentos de formação da crosta terrestre.

(Conclui no próximo número)

*

PAI NOSSO

Por vezes, proferindo as primeiras palavras da oração que Jesus ‘nos’ ensinou, para quando quiséssemos falar com o Pai, paramos um pouco mais, a meditarmos sobre todas elas...e de coração aberto para Deus, falamos assim com Ele:

PAI NOSSO... porque és nosso Pai, porque nos criaste e de Ti tudo nos vem!

QUE ESTÁS NOS CÉUS, NA TERRA, EM TODA A PARTE, ATÉ MESMO NOS MUNDOS INVISÍVEIS - porque

és Omnipotente podes tudo o que queiras, porque és Omnipresente estás em qualquer lugar!

SANTIFICADO SEJA O TEU NOME pelo louvor das Tuas criaturas: pelas que já Te conhecem e amam; pelas que Te procuram sem Te terem ainda encontrado... pelas que Te negam hoje mas hão de louvar-Te amanhã – Bendito sejas, Senhor!

VENHA A NÓS O TEU REINO – porque Jesus nos disse que o Teu Reino não é deste Mundo mas deverá ser criado por nós, no nosso próprio coração... Então, Pai, para que assim aconteça, ajuda-nos a libertar o nosso coração de todo o escalracho das ervas daninhas, que são o egoísmo... o orgulho... a vaidade... o ciúme...a inveja... para te podermos entregar um coração – um reino – limpo de tudo o que é impróprio e onde existam só os sentimentos mais puros!

SEJA FEITA, PAI A TUA VONTADE... mesmo quando não compreendermos os Teus desígnios, Senhor, mesmo quando a Tua Vontade seja diferente da nossa, ajuda-nos a aceitá-la como o Bem Maior que tens para nos dar, pois Tu sabes, melhor que qualquer um, aquilo que nos é mais necessário!

E O PÃO NOSSO DE CADA DIA – que nós sempre Te agradecemos – NOS DÊS HOJE : o pão da boca para os que dele necessitam, o pão do espírito para um e outro lado da Vida – aquele que alimenta e vivifica e nos ajuda a tornar sempre melhores! Dá-nos o pão da Vida, Senhor!

E PERDOA-NOS, PAI, AS NOSSAS OFENSAS... Se Tu não nos perdoares, Senhor, com quem aprenderemos nós a perdoar àqueles outros que julgamos que nos tenham ofendido... e como

poderemos esperar ser perdoados por aqueles outros a quem ofendemos, se não tivermos a certeza do Teu perdão?!

E NÃO NOS DEIXES CAIR EM TENTAÇÃO – Oh, Pai, estamos tão cansados desta cruz que carregamos e construímos pelas nossas próprias mãos! Não deixes, Senhor, que continuemos a escolher os atalhos que sempre nos afastam do caminho certo e nos levam à porta larga!

LIBERTA-NOS DO MAL| - porque Teu é o Reino, o Poder, a Bondade e a Misericórdia Infinita! Liberta-nos do mal... e que assim seja!

M. V.

*

Depois de ter negado os fenómenos espíritos sem os observar, eis-me forçado a aceitá-los, quando, apesar disso, as provas mais manifestas e mais palpáveis caíram sob os meus olhos. – CÉSAR LOMBROSO

*

NOCTURNO

Quando a lua surgiu no firmamento
 O vento
Murmurou baixinho ao arvoredo
 Quase com medo
 Uma jura de amor.
 Depois, a lua,
 Toda nua,
 Atirou-se nas águas da lagoa.
Um sapo verde, de olhos espantados,
 Muito entusiasmado,
 Saiu da toca e foi saltando à-toa!
 Mas, de repente,
Vendo que a noite parecia um sonho,
Chamou a sapaiada e pôs-se a dirigir
 Um nocturno enfadonho.
Hum... hum... hum...hum...hum...hum...
Toda a orquestra obedeceu ao compasso.
E a lua, friorenta, voltou para o espaço,
 Enxugando-se na toalha das nuvens,
 Molhadinha, toda molhadinha,
Pingando em cada dedo uma estrelinha.

JOSÉ HERCULANO PIRES

(In: POESIAS)

BENS EXTERNOS

A vida de um homem não consiste na abundância das coisas que possui. – JESUS. (Lucas, 12 : 15).

“A vida de um homem não consiste na abundância das coisas que possui.”

A palavra do Mestre está cheia de oportunidade para quaisquer círculos de actividade humana, em todos os tempos.

Um homem poderá reter vasta porção de dinheiro. Porém, que fará dele?

Poderá exercer extensa autoridade. Entretanto, como se comportará dentro dela?

Poderá dispor de muitas propriedades. Todavia, de que modo utiliza os patrimónios provisórios?

Terá muitos projectos elevados. Quantos edificou?

Poderá guardar inúmeros ideais de perfeição. Mas estará atendendo aos nobres princípios de que é portador?

Terá escrito milhares de páginas. Qual a substância da sua obra?

Contará muitos anos de existência no corpo. No entanto, que fez do tempo?

Poderá contar com numerosos amigos. Como se conduz perante as afeições que o cercam?

Nossa vida não consiste na riqueza numérica de coisas e graças, aquisições nominais e títulos exteriores. Nossa paz e felicidade dependem do uso que fizermos, onde nos encontrarmos hoje, aqui e agora, das oportunidades e dons, situações e favores, recebidos do Altíssimo.

Não procures amontoar levemente o que deténs por empréstimo. Mobiliza, com critério, os recursos depositados em tuas mãos.

O Senhor não te identificará pelos tesouros que ajuntaste, pelas bênçãos que retiveste, pelos anos que viveste no corpo físico. Reconhecer-te-à pelo emprego dos teus dons, pelo valor de tuas realizações e pelas obras que deixaste, em torno dos próprios pés.

EMMANUEL

(In : CAMINHO, VERDADE E VIDA, psicografia do médium brasileiro Francisco Cândido Xavier, edição FEB, 1986, capítulo 165).

*